

**ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESTINADAS A
ALUNOS AUTISTAS DA SEGUNDA FASE DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Flaviane Eline de Alcântara*
Dalma Soares Teixeira**
Sonia Maria de Oliveira Souza Vaz***
Jandiara Maria Bastos****

RESUMO

A inclusão assim como o autismo são temas recorrentemente na educação, isto porque a presença de um aluno autista na escola regular exige adaptações, qualificação e um trabalho diferenciado para atender suas necessidades e particularidades. Esse artigo busca discutir as práticas pedagógicas utilizadas junto a alunos autistas da segunda fase do ensino fundamental na Rede de Ensino de Pires do Rio (GO), analisando seu impacto no desenvolvimento, aprendizagem e inclusão desses alunos. Assim sendo, este tema de pesquisa emergiu da necessidade de melhor compreensão de como a maior presença de pessoas autistas impactou o espaço da escola regular e de que forma as práticas pedagógicas foram adaptadas para atender as particularidades, necessidades e dificuldades apresentadas por tal público. A pesquisa teve como recurso metodológico a revisão bibliográfica, com base em autores como Maciel et al (2009), Melo (2014), Sousa e Santos (2015), dentre outros. Foi realizada, também, uma pesquisa de campo em 5 instituições do município de Pires do Rio (GO) que contou com a aplicação de um questionário que permitiu analisar as práticas pedagógicas utilizadas nas instituições e seus resultados junto aos alunos autistas. Como resultados da pesquisa pode-se citar que as práticas pedagógicas utilizadas junto a alunos autistas ainda deixam a desejar, especialmente porque, em muitos momentos os alunos continuam excluídos, como se não fossem capazes de desenvolver as atividades, o que perpetua preconceitos, estereótipos e dificulta seu desenvolvimento, aprendizagem e inclusão.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas; Inclusão; Autismo; Escola; Professor.

*Flaviane Eline de Alcântara - Aluna do curso de Mestrado em Educação pela FICS - FACULDADE INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES (flavianynega@hotmail.com).

**Dalma Soares Teixeira - Aluna do curso de Mestrado em Educação pela FICS - FACULDADE INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES (dalmasoaresteixeira@gmail.com).

***Sonia Maria de Oliveira Souza Vaz - Aluna do curso de Mestrado em Educação pela FICS - FACULDADE INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES (soniasouzavaz@gmail.com).

****Jandiara Maria Bastos - Aluna do curso de Mestrado em Educação pela FICS - FACULDADE INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES (jandiaracurso@gmail.com).

ABSTRACT

Inclusion, as well as autism, are recurring themes in education, because the presence of an autistic student in a regular school requires adaptations, qualifications and differentiated work to meet their needs and particularities. This article seeks to discuss the pedagogical practices used with autistic students in the second phase of elementary school in the Pires do Rio (GO) Education Network, analyzing their impact on the development, learning and inclusion of these students. Therefore, this research theme emerged from the need for a better understanding of how the greater presence of autistic people impacted the regular school space and how pedagogical practices were adapted to meet the particularities, needs and difficulties presented by this public. The methodological resource of the research was a bibliographic review, based on authors such as Maciel et al (2009), Melo (2014), Sousa and Santos (2015), among others. Field research was also carried out in 5 institutions in the municipality of Pires do Rio (GO), which included the application of a questionnaire that allowed analyzing the pedagogical practices used in the institutions and their results with autistic students. As results of the research, it can be mentioned that the pedagogical practices used with autistic students still leave something to be desired, especially because, in many moments, students remain excluded, as if they were not capable of carrying out activities, which perpetuates prejudices, stereotypes and hinders their development, learning and inclusion.

Keywords: Pedagogical Practices; Inclusion; Autism; School; Teacher.

1 INTRODUÇÃO

As práticas pedagógicas desenvolvidas junto a alunos autistas têm sido alvo de discussões e avaliações, isto porque se compreende que incluir, não é apenas abrir as portas da escola regular para esses alunos, mas ofertar-lhes experiências que possibilitem aprendizagem, desenvolvimento e efetivem o processo de inclusão. Falando especificamente da inclusão, esse processo tem sido utilizado para referir-se ao atendimento ofertado a crianças que possuem algum tipo de transtorno ou deficiência e que tem o direito de serem escolarizadas no espaço da escola regular.

O autismo é um dos transtornos para os quais a educação inclusiva se destina. Tal transtorno possui graus e sintomas diferenciados, havendo casos suaves e outros mais severos que podem surgir em união com outras síndromes como down, willimas, frágil e assim, gerar maiores dificuldades em seu portador. De acordo com Maciel (et al, 2009), há mais casos de autismo entre meninos, porém, o transtorno não é um impedimento para o desenvolvimento da inteligência média ou

especifica e há casos em que o autista apresenta uma inteligência acima da média da população (MACIEL et al, 2009).

Diante de tais discussões objetiva-se nessa pesquisa discutir as práticas pedagógicas utilizadas com alunos autistas dentro da segunda fase do ensino fundamental em instituições de ensino de Pires do Rio (GO). Para isto, buscou-se compreender o autismo em suas dimensões conceituais e históricas a partir da literatura; analisar a construção da educação inclusiva em alunos autistas na Rede de Ensino de Pires do Rio (GO); discutir as possíveis práticas pedagógicas dos professores no processo de ensino-aprendizagem destinado aos alunos autistas e seus impactos na aprendizagem, desenvolvimento e inclusão desses indivíduos.

Como problemática para a pesquisa busca-se responder a seguinte indagação: De que forma as práticas pedagógicas das instituições da Rede de Ensino de Pires do Rio (GO), tem contribuído no processo de aprendizagem, desenvolvimento e inclusão dos alunos autistas?

A metodologia utilizada na elaboração da pesquisa foi a quali-quantitativa, realizada através de livros e artigos científicos. A pesquisa qualitativa “fornece ao pesquisador uma noção de existência das formas diversas de conhecimento entre pessoas leigas de grupos distintos: fornecendo também ideias sobre a quantidade de conhecimento produzida, transformadora e transmitida” (Flinck, 2009, p. 63). Assim, permite compreender melhor o que é o autismo e de que forma ele tem sido tratado nas instituições de ensino para promover a inclusão, aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

Foi realizada uma pesquisa de campo em 5 (cinco) instituições de ensino públicas de Pires do Rio (GO), onde foi aplicado um questionário contendo questões abertas e fechadas sobre o tema da pesquisa. De acordo com Gil (2009) o uso do questionário em uma pesquisa é uma técnica de investigação que utiliza questões cujo objetivo é obter informações relacionadas ao objeto da pesquisa. Segundo Parasuraman (1991, p.20) “é um conjunto de questões feito com o fim de gerar os dados necessários para se atingirem os objetivos de um projeto, sendo muito importante na pesquisa científica, especialmente nas Ciências Sociais”. Tal questionário foi elaborado de acordo com os objetivos pré-definidos para a pesquisa.

2 O AUTISMO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ESCOLARES

2.1 Concepções sobre o Autismo

O autismo é uma condição permanente no ser humano, ou seja, quem nasce com autismo, torna-se também um adulto autista, já que é uma condição sem cura. Ao contrário do que muitas pessoas acreditam, o autista é alguém que tem grande capacidade de aprendizagem, mas que também apresenta particularidades que precisam ser lembradas e respeitadas dentro do processo de ensino e aprendizagem destinados aos mesmos (Melo, 2014). Conhecer o que é o autismo é algo imprescindível ao professor, pois sem esse conhecimento ele não conseguirá auxiliar o aluno a vencer suas dificuldades.

O transtorno do espectro autista (TEA) é, de acordo com Oliveira e Sertié (2017, p.233) “um grupo genético de distúrbios do desenvolvimento neurológico de início precoce, caracterizado pelo comprometimento das habilidades sociais e de comunicação, além de comportamentos estereotipados”. Mesmo que sejam estes os seus principais sintomas, há uma variação grande de sintomas e fenótipo dos pacientes com TEA, havendo, por exemplo, indivíduos que apresentam deficiência intelectual grave, outros apenas baixo desempenho em habilidades comportamentais, e há indivíduos que tem uma vida totalmente independente com quociente de inteligência normal.

Assim, acredita-se que a TEA deriva-se de fatores genéticos combinados com fatores ambientais e causados pela herança de uma combinação de variantes genéticas, cada qual associadas a baixo risco de desenvolvimento do transtorno. Um indivíduo pode ter fenótipo de cada variante e não desenvolver a doença, mas pode, com o passar das gerações, herdar um número suficiente de variantes de baixo risco e elas se tornarem uma doença. Por isto, Oliveira e Sertié (2017, p.234) afirmam:

Com base nestes conceitos, considerava-se que um padrão poligênico ou multifatorial de herança seria responsável pela maioria dos casos de TEA. No entanto, ao longo dos anos, constatou-se que um número considerável de pacientes com TEA apresentava mutações raras com efeito deletério sobre o desenvolvimento neuronal, que seriam suficientes para, sozinhas, causarem a doença.

Há, porém, em uma mesma família, indivíduos que são afetados por variantes

genéticas com potencial para desenvolver a doença e outros que não são, e por isto se sugere que há um padrão de herança monogênico com penetrância fenotípica incompleta e assim se acredita que é a interação entre variantes comuns e raras o que explica a arquitetura dessa doença.

O conceito de autismo para Braunwald (1988, p.882) é o de que ele envolve “uma síndrome representada por um distúrbio difuso do desenvolvimento da personalidade” e por isto, seria caracterizado pela incapacidade que a criança tem de desenvolver interações sociais normais ou uma linguagem comunicativa, são ainda extremamente obsessivas, resistentes a mudança, muito preocupadas e com ações estereotipadas.

Dunlap, Pierce e Kay (1999) citados por Sousa e Santos (2015) afirmam que o autismo sendo uma perturbação desenvolvimental capaz de afetar a capacidade de um indivíduo de se comunicar, entender a linguagem e interagir com outras pessoas, deve ser tratada como uma síndrome comportamental. Os autores, porém, não tratam o autismo como uma doença, muito menos como algo contagioso e afirmam não haver qualquer indício de que seja desenvolvida no contato do indivíduo com o meio.

2.2 Características de Crianças Autistas

Sobre os sintomas dessa doença, Camargos Júnior (2013) cita no autismo clássico há um atraso do desenvolvimento psíquico, há comprometimentos no processo de comunicação do indivíduo, dificuldade de interagir com outras pessoas e atividades restrito-repetitivas, ou seja, o indivíduo faz sempre as mesmas coisas da mesma forma. Como tem dificuldades de interagir com outras pessoas, as crianças autistas acabam também tendo problemas em relação à afetividade, demonstrando, de forma muito rara, suas emoções. Quem primeiro nota essa dificuldade é a própria mãe, pois a criança autista não procura seu colo nem troca carinhos com ele, o que é algo tão comum quando a criança é pequena.

Oliveira e Sertié (2017) citam que há uma diversidade de sintomas e fenótipos nos pacientes com TEA, podendo estes apresentar uma grande variedade de comorbidades, como hiperatividade, distúrbios do sono e gastrointestinais, podendo apresentar, também, epilepsia.

Em algumas atividades o autista tem dificuldades, em outras pode ter maior facilidade e são essas atividades que precisam ser melhor exploradas e desenvolvidas no indivíduo. No caso dos indivíduos autistas, os mesmos podem apresentar atraso na linguagem, falta de habilidade para desenvolvimento de algumas atividades, comportamentos tidos como não normais, dentre outras características (Ferreira et al, 2019).

Surian (2010) cita ainda que a carência de comunicação faz com que a criança tenha um desenvolvimento da sua expressividade deficitária, não conseguindo iniciar ou continuar uma conversa por muito tempo, utilizando de forma repetitiva as mesmas expressões, não desenvolvendo sua fantasia ou imaginação, o que implica na falta do jogo de fantasia. Asperger (1994) citado por Sousa e Santos (2015) afirma que “a personalidade autista é altamente distinta apesar das amplas diferenças individuais”.

Outro sintoma claro do autismo é a ausência dos jogos de fantasia que já ficam evidentes no segundo ano de vida do autista. De acordo com Melo (2014) a criança autista tem interesses muito estereotipados e restritos, dificilmente adere a novas rotinas ou rituais, apresenta um interesse intenso e muitas vezes, persistente por partes de determinados objetos.

2.3 As Práticas Pedagógicas Destinadas a Alunos com Autismo

As Práticas Pedagógicas diante do processo de inclusão de alunos autistas na classe regular de ensino acontece em diferentes ambientes tanto na sala de aula regular, como na sala de recursos multifuncionais que está voltada ao Atendimento Educacional Especializado. De acordo com Martins (2015), as legislações citadas nesta pesquisa buscam fazer com que os objetivos da política da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva sejam alcançados. Para isto propõe-se a implantação de salas de recursos multifuncionais, de forma que os alunos público alvo da inclusão possam ser melhor atendidos.

A Resolução CNE/CEB nº 4/2009 criou o Atendimento Educacional Especializado cujo objetivo é promover e selecionar recursos pedagógicos que possibilitem aos alunos com necessidades educacionais especiais maior acessibilidade, tanto no que se refere a espaços, como aos currículos. Tal

atendimento é ofertado em salas de recursos multifuncionais que possuem diferentes materiais pedagógicos, assim como tecnologias assistivas, criadas, especialmente para atender ao público-alvo da inclusão (BRASIL, 2009). No caso específico do autista, Bosa (2006) afirma que é importante que as intervenções pedagógicas aconteçam a partir dos dois aos quatro anos de idade da criança e haja a integração de diferentes profissionais, pois isto facilita o desenvolvimento da criança com TEA.

Há de se considerar que de acordo com Favoretto e Lamônica (2014), analisando o conhecimento e as necessidades dos professores no que se refere a TEA, muitos profissionais não conseguem intervir de forma positiva diante desses alunos pois não possuem conhecimentos suficientes para tal. Este estudo deixa claro ainda que, de forma geral, é importante fazer a adequação de conteúdos, modificar as estratégias de ensino, buscar meios de comunicação alternativos, o que deve ser feito tanto para aqueles que não fazem uso da fala, como para os que conseguem se comunicar melhor, pois são elementos que irão favorecer sua comunicação e aprendizagem.

As intervenções pedagógicas iniciam-se com a adaptação do currículo, esta que se faz necessária para atender as necessidades dos alunos público-alvo da inclusão. Silva (2012) deixa claro que o ambiente escolar e também do lar das crianças deve ter um painel de rotinas montado, onde as crianças sejam inseridas em diferentes tipos de atividade ao longo do seu dia a dia, como comer, brincar, ir ao banheiro, etc. tal material deve ser confeccionado com o uso de imagens, palavras e materiais concretos, pois auxiliar na organização do espaço físico onde haverá o trabalho com a criança.

Mendonça (2013) cita como no espaço das relações escolares há diferentes tipos de interações entre os sujeitos e este se mostra um contexto adequado para que os processos compensatórios* possam surgir. Tais processos compensatórios podem surgir da intervenção pedagógica, feita de forma sistematizada e adequada

*Entender os **processos compensatórios** favorece ao terapeuta a criação de caminhos diferentes que permitam o desenvolvimento do sujeito, considerando o social e a história de vida trazida pelos deficientes à clínica fonoaudiológica. Destaca-se a importância dada pelo autor aos riscos de que pesquisas e programas educacionais dirigidos à criança com deficiência focalizem processos biológicos e disfunções primordiais em detrimento de funções psicológicas superiores. Seu argumento principal é o de que processos compensatórios e caminhos indiretos podem promover o desenvolvimento. Tais processos e caminhos relacionam-se com a inserção das crianças em diversos ambientes culturais e são suscetíveis à ação pedagógica. (Vygotsky, 1997).

as necessidades que os alunos possuem e daqueles que apresentam desenvolvimento atípico.

Coll, Marquesi e Palacios (2004), também chamam a atenção para a necessidade de conhecimento do aluno para que as intervenções pedagógicas na educação inclusiva possam alcançar melhores resultados. Segundo os autores, é importante que as instituições de ensino tenham uma equipe multidisciplinar que possa avaliar os alunos e o tipo de deficiência que apresentam, produzindo informações que permitam ao professor criar atividades e contextos que efetivem a inclusão.

As intervenções pedagógicas do professor da segunda fase do ensino fundamental em prol do processo de inclusão do aluno com TEA ainda requer parceria entre o professor do AEE e o professor regente, questão para a qual Coll, Marquesi e Palacios (2004, p.39) chamam a atenção ao afirmar que:

Partindo do pressuposto de que a implementação do Atendimento Educacional Especializado, por meio da implantação das salas de recursos multifuncionais, compostas por equipamentos e recursos didáticos direcionados à prática inclusiva, preferencialmente, ofertados na escola regular, constitui-se como apoio ao trabalho de professores regentes. Portanto, faz-se necessária a parceria entre os docentes envolvidos no processo de inclusão de alunos com necessidades especiais.

A articulação entre o professor regente e o professor do AEE é imprescindível para que novas realidades sejam construídas em sala de aula diante do aluno com TEA, criando situações de aprendizagem, de estímulo ao aluno e de interação deste com os demais, o que é imprescindível a sua aprendizagem e desenvolvimento. Para isto, Salomão (2013) exalta a importância do processo de planejamento individualizado, aquele que se volta as particularidades do aluno, e que possibilita o professor identificar suas particularidades, buscar soluções para amenizar suas dificuldades, desenvolver formas avaliativas diferenciadas, dentre outras questões.

Salomão (2013) analisa ainda a importância da construção de avaliações individuais, pois se os alunos são diferentes entre si, se possuem necessidades e dificuldades diferenciadas, assim como ritmos de aprendizagem diferenciados, eles precisam, também, ser avaliados de maneiras diferentes. Avaliar é tão importante quando ensinar, pois direciona caminhos a serem seguidos, mudanças que se fazem necessárias e o que está sendo feito de positivo diante da educação inclusiva.

3 ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA CAMPO

O objetivo do questionário aplicado aos profissionais é conhecer a forma como o aluno autista é incluído em diferentes instituições de ensino de Pires do Rio (GO). Assim, foi respondido por professores regentes e/ou de apoio das instituições que compreendiam a questão, a realidade da instituição e puderam contribuir para com alcance de resultados da pesquisa.

A primeira questão apresentada aos professores dessas instituições pediu que traçassem suas percepções sobre a inclusão de alunos autistas na instituição em que trabalham e foram obtidas respostas como:

Quadro 1: Percepções em torno da inclusão de alunos autistas

Resposta
A inclusão do aluno autista esbarra em muitas questões: falta apoio da família, faltam laudos, em geral o professor de apoio trabalha com ele e outros alunos de forma conjunta, o que acaba dificultando resultados.
O trabalho com o aluno autista é feito pelo professor de apoio que trabalha com material concreto, utilizando o lúdico e envolvendo mais esses alunos que necessitam de aulas mais prazerosas, pois se não eles não gostam de voltar para a escola.
O que pude presenciar até hoje é que as instituições tentam incluir esses estudantes, eles possuem professor de apoio com dedicação exclusiva a ele e os demais professores tentam adaptar as atividades de acordo com suas necessidades e as desenvolve junto ao professor de apoio.
O aluno autista, dependendo do grau de autismo ele fica fora da sala de aula, mas ele pode participar normalmente das atividades recreativas para que ele possa conviver com os demais.
A inclusão do aluno autista depende muito do grau de autismo, pois quanto mais severo, maiores as dificuldades de inclusão desse aluno na sala de aula regular e nas atividades coletivas. Quando o autismo é mais brando, isto acontece com maior facilidade.
O Processo de inclusão de alunos autistas com algumas deficiências como a falta de formação adequada para o professor de apoio, um espaço adequado para realização de dinâmicas que favoreça sua aprendizagem e socialização.
Para realizar a inclusão de alunos autistas é preciso conhecer o grau que esse aluno tem.
A educação dos alunos autistas sempre está encarregado do professor de apoio de que muitas está sobrecarregado.
É necessário uma participação maior da família no processo de inclusão dos alunos autistas.
A exclusão social e educação do autista é enorme em todas as camadas da sociedade.

Fonte: Da Própria Autora

As falas contidas no quadro 1 evidenciam diferentes percepções em torno da inclusão do aluno autista, mas alguns elementos precisam ser considerados: a presença de professores de apoio, a ausência de participação das famílias, o uso de atividades lúdicas e materiais concretos e as diferenças que existem entre esses alunos, pois como há diferentes graus de autismo, também há diferentes dificuldades, necessidades e formas de trabalho com eles, assim como afirmam Figueiredo, Costa e Dias (2018).

Foi indagado, também se “a Instituição em que você atua oferece recursos para o trabalho com alunos autistas?” e de acordo com as respostas, a maioria dos profissionais (60%) afirmaram que as instituições não possuem recursos par trabalhar com os autistas, 20% afirmaram que possui e 20% afirmaram que possui apenas alguns tipos de materiais para o trabalho com esses alunos:

A falta de recursos é algo que dificulta o trabalho com o aluno autista e que exige que professor seja ainda mais criativo, buscando alternativas para ensinar e chamar a atenção desse aluno. É importante, por isto, que o professor tenha qualificação para trabalhar com esses alunos, porque ele pode inovar e desenvolver recursos mesmo quando eles estão escassos na instituição (Figueiredo, Costa e dias, 2018).

Os resultados para a indagação “em sua instituição atuam professores de apoio para os alunos autistas?” demonstram que para 60% dos profissionais que responderam ao questionário afirmaram que as instituições possuem professor de apoio para acompanhar alunos autistas, 20% afirmaram que não e 20% disse que apenas os alunos com autismo severo possuem esse tipo de profissional para apoiá-los. Há de se considerar que alguns alunos mesmo apresentando todas as características do autismo, não são laudados e assim, muitos deles são apontados apenas como alguém que possui dificuldades de aprendizagem e não possuem um professor de apoio para auxiliá-los. De acordo com Russo (2020), muitas crianças autistas ao chegarem à escola regular para conviver e aprender com outras crianças acabam tendo muitas dificuldades não apenas na aprendizagem, mas também em seu processo de inclusão e por isto precisam da figura do professor de apoio.

Foi perguntado aos professores também, quais são as principais características observadas por você em um aluno autista com os quais já tiveram contato e as respostas foram as seguintes:

Quadro 2: Características dos alunos autistas

Resposta
Dificuldades na fala e falta de contato visual
Não gostam que toque neles e não gostam de atividades com barulhos ou com muitas pessoas
Repetem a mesma frase de forma constante, tem dificuldades na fala e raciocínio mais lento em algumas atividades
Apresentam dificuldades de comunicação, alguns não gostam que encostem nele, não enturmam com os demais e detestam barulho
São alunos que gostam de atividade concretas, de brincadeiras, atividades mais interessantes. Não gostam de barulho e tem dificuldade com o contato visual.
Nos alunos que acompanham as características concomitantes são os déficits de comunicação e linguagem, tanto comigo quanto com os demais alunos, dificultando tanto o processo de aprendizagem quanto a socialização.
A característica mais latente dos alunos autistas é a dificuldade de estabelecer relações sociais, que na maioria das vezes ficam isolados.
Além das dificuldades de linguagem verbal, também é notório quando envolve elemento abstrato, ou seja, emoção, sentimento, e tem dificuldade de expressar.
Alguns possuem capacidades como excelente memória, destreza virtual para detalhes, mas o que dificulta é o distanciamento social, e que dificulta o processo de inclusão
Déficits na linguagem verbal, na falta de interação social, na dificuldade de expressar sentimentos, emoções.

Fonte: Da Própria Autora

Assim como já foi relatado nessa pesquisa, várias são as pesquisas que dedicam seu olhar para compreender o autismo, suas causas e consequências, porém, ainda são poucos os avanços sobre as causas desse transtorno (Sousa e Santos, 2015). A compreensão das principais características dessa síndrome torna-se um desafio que precisa ser enfrentado, onde os professores precisam buscar respostas que os condicionem a organizar o processo de ensino e aprendizagem dedicado a esses alunos.

Quando foram perguntados sobre os principais desafios já enfrentados no processo de inclusão de alunos autistas em sala de aula, o quadro 3 apresenta as respostas dos diferentes profissionais:

Quadro 3: Desafios enfrentados na inclusão de alunos autistas

Resposta
Chamar a atenção deles para as atividades e qualificar os profissionais

Conseguir entender como pensam e as dificuldades que encontram, para assim adaptar as aulas
Dificuldades de afastar o aluno dos pais e de fazer com que se interesse pela aula
Criar autonomia do aluno, fazer com que se interesse pelas aulas e interaja com os colegas
Adaptar atividades e processos avaliativos, já que para isto preciso compreender, profundamente as dificuldades que eles apresentam
Déficit relacionado a interação social do autista que é amplo e persistente, isso dificulta em estabelecer alguma proposta educativa, pois não compreende a lógica que regula as convenções sociais.
Despreparado no atendimento do aluno autista, faltando uma formação adequada e continua em relação a educação especial e do autismo, para saber lidar com o comportamento autístico, na busca de favorecer seu processo de inclusão.
Tenho uma dificuldade em relação as atividades a serem inseridas no processo de aprendizagem dos alunos autistas. E também como avaliar de modo adequado favorecendo seu processo de aprendizagem e de inclusão.
Despertar o interesse do aluno pela aula, criando alternativas para contribuir em sua autonomia intelectual.
Falta uma compreensão sobre o autismo, de modo especial, como esse aluno aprende. Para isso, é necessário uma formação na construção saberes no processo de aprendizagem e inclusão desses alunos autistas.

Fonte: Da Própria Autora

O fato de que o aluno com autismo tem dificuldade de interagir com outras pessoas é algo que afeta o processo de inclusão, porém, Simonetti (2010) lembra que, mesmo vivendo em um mundo isolado, muitos autistas acabam conseguindo estabelecer uma boa relação e contato com os professores, o que acaba diminuindo as dificuldades no trabalho a ser desenvolvido.

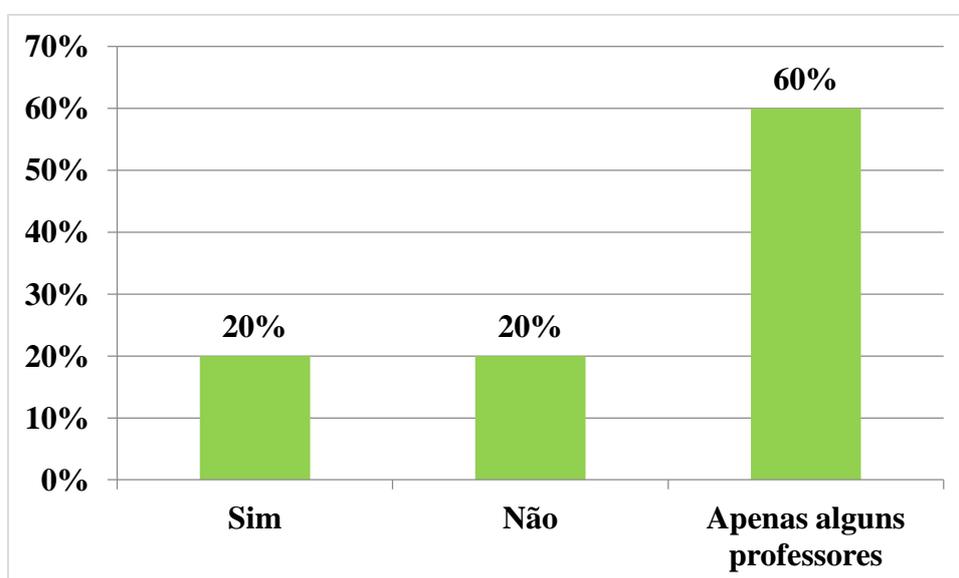
Foi perguntado também aos profissionais se “há trabalho conjunto entre professor regente e professor de apoio frente a alunos autistas” e obtidas demonstram que o trabalho do professor de apoio se mostra fundamental diante da realidade já citada onde os professores da sala de aula regular, em geral, não possuem qualificação para trabalhar com os alunos autistas, além disto, o aluno com autismo precisa de uma atenção e apoio especial e, em muitos casos, individualizado, por isto a importância da presença desses dois profissionais na sala de aula, trabalhando de maneira conjunta (Sousa e Santos, 2015).

Em relação à participação das famílias no processo de ensino-aprendizagem dos alunos autistas, os dados obtidos relatam que para 20% dos profissionais há uma boa participação das famílias, para 20% essa participação é regular e para 60% deles, é uma participação ruim.

Oliveira (2015) é um dos vários autores que discutem a importância do papel da família no processo de inclusão escolar do aluno autista. De acordo com o autor a família é um núcleo comum em praticamente todas as sociedades e onde o indivíduo desenvolve suas primeiras formas de socialização, sendo uma mediadora de padrões, modelos e influências culturais.

Quando os profissionais foram indagados se “você e os demais profissionais professores da instituição recebem ou já receberam treinamento, ou tem algum conhecimento prático/ ou teórico sobre como trabalhar com alunos autistas em sala de aula?”,

Gráfico 1: Existência de Cursos na área de autismo



Fonte: Da Própria Autora

Dados no gráfico 1 deixam claro que para 20% deles há formação profissional em torno do autismo, para 20% não há e 60% afirmam que apenas alguns professores possuem essa formação. Novamente se chama a atenção para a importância da formação docente para auxiliar no processo de inclusão e sua efetivação. Sampaio e Magalhães (2018) consideram que a formação do professor, seja inicial ou continuada são de grande relevância para o sucesso da educação e, logicamente, também para a educação inclusiva.

Indagados sobre “que prática pedagógica você e/ou os profissionais da escola em que trabalha utilizam para promover a inclusão e a aprendizagem de tais alunos em sua sala de aula?”, o quadro 4 apresenta as respostas dos professores para essa questão:

Quadro 4: Práticas Pedagógicas utilizadas com alunos autistas

Resposta
Atividades lúdicas e materiais concretos
Busco fazer com que participem das atividades coletivas, especialmente nas que envolvem jogos e brincadeiras, pois são atividades que eles gostam e se interessam mais
Uso atividades que levam ao apoio visual, fotografias, desenhos, letras grandes, objetos concretos, utilizo linguagem objetivas, atividades mais curtas
Materiais com representação de figuras e imagens, para compreender o símbolo e o que ela quer representar.
Utilizo desenhos de coisas e objetos que colabora na organização do pensamento e linguagem.
Jogos que despertem a coletividade, visando promover o desenvolvimento emocional, cognitivo e social dos autistas. Esses jogos contribuem tanto o processo de aprendizagem quanto da inclusão.
Faço utilização de recortes de revistas em cores diversas para trabalhar a questão visual, e fatos concretos que estimulem o processo de aprendizagem.

Fonte: Da Própria Autora

Todas as práticas pedagógicas citadas demonstram-se importantes, já que os alunos precisam ter suas necessidades atendidas se suas particularidades respeitadas. Assim, Figueiredo, Costa e Dias (2018), citam ainda que são estratégias importantes sentar perto do aluno para que ele consiga manter seu foco de atenção, criar quadros de orientação que fiquem expostos na sala de aula e possibilite que ele se oriente melhor, usar recursos visuais múltiplos e variados que o auxiliem a entender e assimilar o que está sendo ensinado, atentar para suas dificuldades enquanto a interpretação de textos, adaptar conteúdos e formas de avaliação de acordo com as características de cada aluno.

Diante deste contexto, foi perguntado aos profissionais “o que você acha necessário para que esse aluno seja incluído e possa participar de todas as atividades com as outras crianças” e o quadro 5 abaixo evidencia as respostas apresentadas pelos diferentes profissionais:

Quadro 5: Melhorias no processo de inclusão do aluno autista

Resposta
Qualificação dos professores e trabalho coletivo
Melhores condições de trabalho e profissionais mais qualificados para as necessidades desses alunos

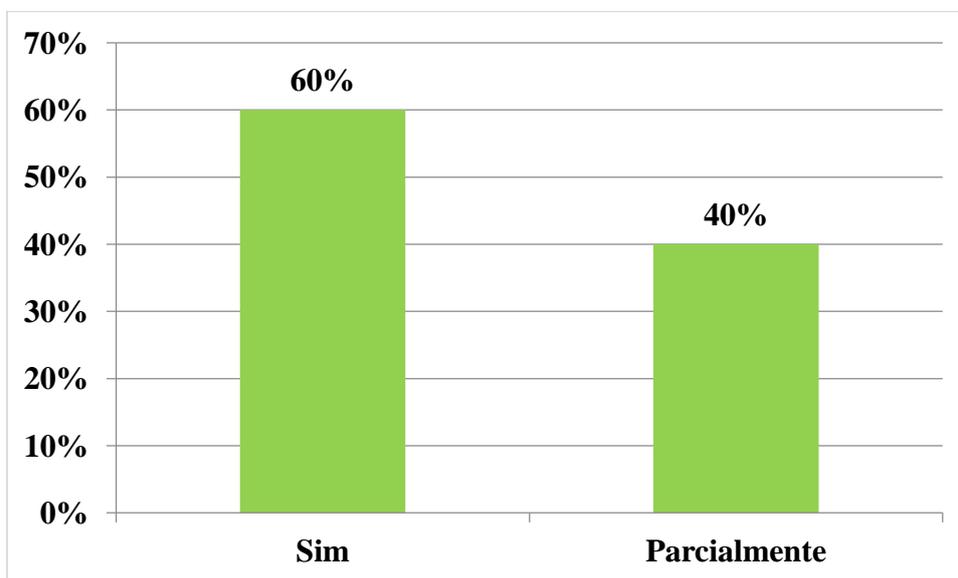
Trabalho colaborativo, qualificação docente, maior participação das famílias.
Maior participação no contexto escolar, juntamente com a equipe multidisciplinar.
Escola melhor equipada tanto em materiais didáticos quanto um espaço adequado para a realização de atividades.
Proposta Pedagógica que trabalhe efetivamente a inclusão desses alunos autistas. Isso em relação a formação de professores, espaço adequado, aparato tecnológico, material didático, novas formas de avaliação.

Fonte: Da Própria Autora

A questão da formação docente é elemento básico para que o processo de inclusão do autista alcance resultados positivos, isto porque de acordo com Cunha (2014, p. 101), não se pode falar de inclusão sem fazer referências a figura do professor, este que precisa ter condições de “trabalhar com a inclusão e na inclusão. Será infrutífero para o educador aprender sobre dificuldades de aprendizagem e modos de intervenção psicopedagógica se não conseguir incluir o aluno”.

No gráfico 2 encontra-se respostas para a questão que indagou se os alunos autistas participam de todas as atividades desenvolvidas.

Gráfico 2: Inclusão do aluno autista nas atividades desenvolvidas

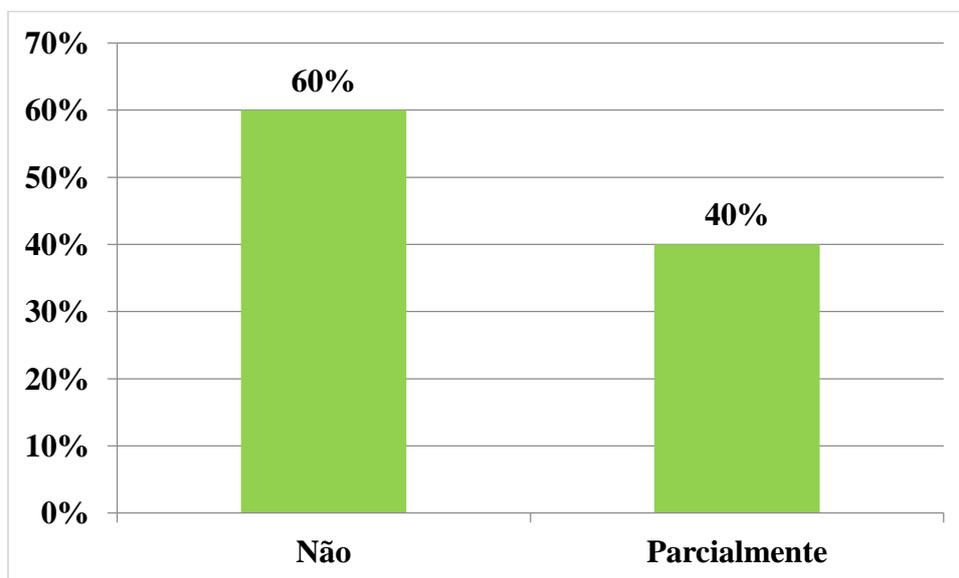


Fonte: Da Própria Autora

De acordo com o Gráfico 2, 60% dos respondentes existe essa participação e para 40% é feita de maneira parcial. A divergência de opiniões dos profissionais pode ser explicado porque em algumas instituições existem autistas com grau mais severo e que por isto, não tem grande inclusão nas atividades coletivas em outras,

porém, são autistas mais leves e que convivem, sem maiores dificuldades com os demais alunos. A última questão indagou aos profissionais se “em sua opinião, de forma geral, existe inclusão do aluno autista na escola?”

Gráfico 3: Inclusão do aluno autista



Fonte: Da Própria Autora

De acordo com o gráfico 3 para 40% desses profissionais há uma inclusão “parcial” e para 60% deles não há inclusão. Para que essa inclusão aconteça, a Declaração de Salamanca citada por Sousa e Santos (2015) afirma que a escola precisa se tornar uma comunidade e toda ela será responsável pelo sucesso e também pelo insucesso do aluno. A equipe pedagógica como um todo e não apenas o professor, precisam trabalhar de forma coletiva para atender as necessidades especiais dos alunos, buscando apoio de voluntários e das famílias no espaço da escola.

CONCLUSÃO

As discussões realizadas nesta pesquisa demonstram que o autismo é um transtorno que ainda está sendo conhecido e muitas informações já chegaram as famílias e a população como um todo, permitindo compreender melhor esse distúrbio e como ele afeta o indivíduo em seu dia a dia. A criança autista tem sintomas diferenciados que acabam gerando quadros diversificados que precisam ser bem conhecidos pela família, escola e professor, para que suas particularidades e

necessidades sejam levadas em consideração e assim, seja possível colocar em prática um processo de ensino-aprendizagem que gere aprendizagem, desenvolvimento e inclusão.

As práticas pedagógicas destinadas aos autistas devem ser pensadas com base em suas particularidades e necessidades, de forma a ofertar aos mesmos condições de ter aprendizagens significativas, que estimulem suas potencialidades, tratando-os como seres que aprendem, pensam, sentem e que devem participar do grupo social, desenvolvendo-se através dele e tendo suas singularidades respeitadas, assim como deve ser com todos os alunos. Esse é um desafio, especialmente, diante de falta de qualificação docente.

Analisando, especificamente, as instituições de ensino citadas nessa pesquisa, pode-se perceber que ainda há muitas melhorias a serem colocadas em prática quando se fala em práticas pedagógicas junto aos autistas, pois, especialmente, aqueles mais severos ainda continuam bastante segregados e muitos professores têm dificuldades de buscar métodos de ensino que possam favorecer sua aprendizagem, desenvolvimento e inclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M.C. **Do Preferencial ao Necessário**: O Atendimento Educacional Especializado na Escola Comum. 2012. Dissertação (Mestrado). 174 f. Unicamp, Campinas.

BOSA, Cleonice. **AUTISMO**: Atuais Interpretações para Antigas Observações. In.: BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA, Cleonice. Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artemed, 2002.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEF, 1977.

_____. **Constituição (1988) da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. São Paulo: Saraiva, 2001.

_____. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial, 2009.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394/96. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

CAMPELO, Iara Maria. **Observação e análise da integração professor-aluno em classes de educação especial**. Rio de Janeiro: UERJ, 1990.

COLL, César; MARCHESI, Á; PALACIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: Transtornos do desenvolvimento e necessidades educacionais especiais. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. 5ª ed. RJ: Wak Ed., 2014.

FAVORETTO, N. C; LAMÔNICA, D. A. C. Conhecimento e Necessidades dos Professores em Relação ao Transtorno do Espectro Autista. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 20, n. 1, p. 103-116, Jan.-Mar. 2014.

FERREIRA, Livia de Oliveira; KUABASKIM Cristiane; SCHMIDT, Carlo. **Dificuldades dos alunos com autismo na escola e estratégias de coping das educadoras**. 2019. Disponível em <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/02/DIFICULDADES_DOS_ALUNO_S_COM_AUTISMO_NA_ESCOLA_E.pdf>. Acesso em 06 de agosto de 2024.

FIGUEIREDO, Joelma Pinheiro; COSTA, Juliana Pereira; dias, DIAS, Synthia Lopes. **Autismo e inclusão escolar**: um olhar sobre as práticas pedagógicas. Artigo apresentado à Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia. Serra, 2018.

MACIEL, M. R. C. **Portadores de deficiência a questão da inclusão social.** São Paulo: Manole, 2000.

MARTINS, Simone Duarte. **A intervenção pedagógica frente à inclusão de alunos com deficiência intelectual em classes regulares.** Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB. Brasília, 2015.

MENDONÇA, F.L.R. **Entre concepções docentes e práticas pedagógicas: o processo de inclusão de alunos com deficiência intelectual na rede pública de ensino do Distrito Federal.** 2013. Dissertação (Mestrado). 155f. UNB, Brasília.

MONTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão é privilégio de conviver com as diferenças.** In: **Revista NovaEscola.** Ano XX, n. 186, 2001.

NEGREIROS, Dilma de Andrade. **Acessibilidade Cultural: por que, onde, como e para quem?** Rio de Janeiro, 2014.

OLIVEIRA, Andréia Cosme de. **O papel da família no processo de inclusão escolar do aluno com transtorno do espectro autista.** 2015. Disponível em <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15065/1/2015_AndreiaCosmeDeOliveira_tcc.pdf>. Acesso em 22 de agosto de 2024.

OLIVEIRA, Karina Griesi; SERTIÉ, Andréa Laurato. **Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético.** 2017. disponível em <<https://www.scielo.br/j/eins/a/YMg4cNph3j7wfttqmKzYsst/?lang=pt#>>. Acesso em 20 de agosto 2024.

PESSOTI, Isaias. **Sobre a gênese e evolução histórica do conceito de deficiência mental.** In: **Revista Brasileira de Deficiência Mental.** Vol. 16, Nº 1, Florianópolis, 2001.

RUSSO, Fabiele. **O papel do professor de apoio especializado para os autistas.** Disponível em <<https://neuroconecta.com.br/o-papel-do-professor-de-apoio-especializado-para-os-autistas/>>. Acesso em 02 de agosto de 2024.

SALOMÃO, B.R.L. **O atendimento educacional especializado em uma sala de recursos de Brasília: a sistematização do atendimento e o uso do computador como apoio pedagógico - um estudo de caso.** 2013. Dissertação (Mestrado). 151f. UNB, Brasília

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo singular: entenda o autismo.** (Org.) Mayra Bonifacio Gaiato, Leandro Thadeu Reveles. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SIMONETTI, D.C. **Dotação e Talento: indicadores neuropsicológicos.** Vitória: GSA, 2010.

SOUSA, Pedro Miguel Lopes de; SANTOS, Isabel Margarida Silva Costa dos. **Caracterização da Síndrome Autista.** 2015. Disponível em <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0259.pdf>>. Acesso em 21 e agosto de 2024.

SURIAN, Luca. **Autismo**: informações essenciais para familiares, educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Editora Paulinas, 2010.

TAHAN, Adalgisa Pires Falcão. A universalidade dos direitos humanos. In: **Estudos e debates em Direitos Humanos**. SILVEIRA, Vladimir Oliveira da; CAMPELO (COORD), Livia Gaigher Bósio (ORG). São Paulo: Letras Jurídicas, v. 2, 2012.

VIEGAS, Luciane Torezan; BASSI, Marcos Edgar. **A Educação Especial no âmbito da política de fundos no financiamento da educação**. Reflexão e Ação (UNISC. Impr.), v. 17, p. 54-87, 2009.

VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas – V: **Fundamentos de defectología**. Madrid, España: Machado NuevoAprendizaje, 1997.